
Caracterização dos fatores pessoais, políticas públicas, ambiente e tecnologia assistiva na participação de adolescentes com deficiência que praticam esportes de competição

*Jonas Fernandes Carvalho,
Ana Cristina de Jesus Alves*

Resumo

Introdução: A inserção de jovens com deficiência no esporte e nos jogos escolares é uma realidade, porém existem barreiras para que se possa garantir sua participação. Objetivo: identificar os fatores ambientais que podem atuar com barreiras ou facilitadores ao esporte de competição do adolescente com deficiência física. Método: Participaram 9 adolescentes, entre 12 e 17 anos, competidores de natação, tênis de cadeira de rodas, bocha e futebol de 7, respondendo a 4 instrumentos de pesquisa. Resultados: 8 adolescentes se sentiam aceitos, 7 se mostraram encorajados pelos cuidadores e 7 se sentiam geralmente isolados e sozinhos. Dos participantes, 6 têm a renda classificada em B2, 4 conheciam políticas públicas sobre esporte e 6 não conheciam as de concessão de TA. 3 participantes relataram que a TA auxiliou pelo conforto e 2 relataram que dificultou devido às medidas e à estética. Sobre acessibilidade, 6 necessitavam utilizar carro para ir aos treinos. Conclusões: Os mesmos fatores ambientais podem atuar como barreiras ou facilitadores na participação da pessoa com deficiência. As práticas e pesquisas com esporte devem ir além do objetivo de reabilitação ou causas de lesões e serem discutidas a partir da ocupação e participação social.

Palavras-chave: Esporte, deficiência, participação.

Characterization of personal factors, public policies, environment and assistive technology in the participation of adolescents with disabilities who play competitive sports

Jonas Fernandes Carvalho, Ana Cristina de Jesus Alves

Abstract

Introduction: The inclusion of children and young people with disabilities in sport and school games is already a reality, however there are still several barriers to participation with quality. Objective: To identify environmental factors that may act as barriers or facilitators to the competitive sport of adolescents with disabilities. Method: 9 adolescents with physical disabilities between 12 and 17 years of swimming, wheelchair tennis, boules and soccer of 7 answered: Criteria Brazil, characterization questionnaire, Assistive Technology Assessment (AT) and Satisfaction Evaluation with AT. It was analyzed: 1) Support, relationships and attitudes, 2) Services and policies and 3) Products, technology and environment. Results: 90% of adolescents felt accepted, 80% were encouraged by caregivers, and 80% felt generally isolated and alone. The income was B2 in 75%, 50% knew public policies on sports and 67% did not know the AT grant. 33% reported that AT assisted by comfort and 22% hampered due to measures and aesthetics. 66.7% used cars to go to training. Conclusion: Environmental factors can act as barriers or facilitators for the disabled who practice sports. Practices and research with sports must go beyond the object of rehabilitation, interaction or causes of injuries, should also be discussed as occupational and social role.

Keywords: Sport, disability, participation.

Caracterización de factores personales, políticas públicas, medio ambiente y tecnología asistencial en la participación de adolescentes con discapacidad que practican deportes competitivos

Jonas Fernandes Carvalho, Ana Cristina de Jesus Alves

Resumen

Introducción: La inclusión de jóvenes con discapacidad en los deportes y juegos escolares es una realidad, pero existen barreras para garantizar su participación. Objetivo: identificar los factores ambientales que pueden actuar como barreras o facilitadores del deporte competitivo de adolescentes con discapacidad física. Método: participaron 9 adolescentes de 12 a 17 años que competían en natación, tenis en silla de ruedas, bochas y futbolistas de 7 años, respondiendo 4 instrumentos de investigación. Resultados: 8 adolescentes se sintieron aceptados, 7 fueron alentados por los cuidadores y 7 se sintieron generalmente aislados y solos. De los participantes, 6 tenían sus ingresos clasificados en B2, 4 conocían las políticas públicas sobre deporte y 6 no conocían las relativas a la concesión de AT. 3 participantes informaron que la disfunción eréctil ayudó con la comodidad y 2 informaron que fue difícil debido a las medidas y la estética. Acerca de la accesibilidad, 6 necesitaron usar un automóvil para ir a la capacitación. Conclusiones: Los mismos factores ambientales pueden actuar como barreras o facilitadores en la participación de las personas con discapacidad. Las prácticas y la investigación deportivas deben ir más allá del objetivo de la rehabilitación o las causas de las lesiones y debatirse en función de la ocupación y la participación social.

Palabras-clave: deporte, discapacidad, participación.

Introdução

Jogos escolares são considerados a porta de entrada para a participação de adolescentes em competições esportivas. Essa prática, geralmente, é iniciada aos 12 anos de idade e é uma oportunidade que deve ser oferecida a toda comunidade escolar, inclusive para adolescentes com deficiência (Arantes, Martins & Sarmiento, 2012; Arantes & Melo, 2019).

A participação de jovens com deficiência no esporte já vem sendo discutida a partir de facilitadores e barreiras. Como barreiras, compreendem-se os fatores pessoais, como a deficiência e a saúde do atleta, e os fatores ambientais, como a falta de instalações, transporte e dificuldades de acessibilidade. Esses fatores se mostraram como determinantes à participação do jovem no paraesporte. Já como facilitadores, foram identificados os fatores pessoais, como a diversão e a saúde, e também os fatores ambientais, como o contato social. Os pesquisadores também salientaram que barreiras e facilitadores na participação desportiva dependem do tipo de deficiência e da idade e que tudo isso deve ser considerado ao aconselhar pessoas com deficiência sobre esportes. Dessa forma, pode-se entender que os mesmos fatores podem atuar como barreira ou facilitadores a depender do contexto e da individualidade de cada atleta (Jaarsma, Dijkstra, Geertzen & Dekker, 2014; Greguol, 2017).

Pode-se perceber que essa participação depende de fatores ambientais associados a esse contexto. Assim como aponta o manual prático da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF, 2013), os fatores ambientais podem influenciar positivamente ou negativamente (facilitadores e barreiras) a rotina de vida do indivíduo. Podem ser eles: atitudes, apoio e relacionamentos; serviços, sistemas e políticas; ambiente natural e mudanças ambientais realizadas pelo homem; produtos e tecnologia (Farias & Buchalla, 2005 & OMS, 2013).

Pesquisadores já têm dado destaque aos fatores ambientais na prática do paraesporte. Em uma pesquisa com jovens entre 10 e 19 anos com deficiência física ou doença crônica nas escolas, buscou-se comparar dois grupos: os que praticavam esportes e os que não praticavam. Os principais aspectos observados foram: cognição, saúde física, aspectos psicossociais e desempenho escolar. Os resultados identificaram que há uma baixa adesão da população com deficiência aos esportes e isso se dá pelas diversas barreiras que pessoas com deficiência enfrentam desde a vida escolar. Os autores deram destaque aos fatores pessoais e ambientais, que têm desempenhado um papel fundamental para a maior participação de crianças e adolescentes (Lankhort et al, 2015).

Nesse mesmo sentido, um estudo sobre campeonatos escolares e deficiência visual propôs analisar os discursos de nove professores de educação física das escolas estaduais de São Paulo com o objetivo de entender os desafios enfrentados pelos professores na prática do paraesporte. Os autores puderam perceber que a inserção do esporte para pessoas com deficiência ainda é um desafio e necessita de estudos mais aprofundados. Segundo os autores, a inserção das crianças e jovens com deficiência no esporte e nos jogos escolares já é uma realidade no contexto da educação física, entretanto ainda existem diversas barreiras para a participação com qualidade (Silva, Duarte & Almeida, 2011; Machado, 2017).

Assim, sabe-se que, para compreender o contexto de adolescentes, é necessário explorar um caminho diferente, visto que as condições de saúde e incapacidades não são as mesmas dos adultos, devido à natureza de seu desenvolvimento (Xafopoulos, Kudláček & Evaggelinou, 2009). Segundo McKay, Block e Park (2015), é necessário compreender e adequar o contexto desses indivíduos de acordo com as vivências e individualidade de cada faixa etária, já que, de acordo com Panagiotou, Evaggelinou, Doulkeridou, Mouratidou e Koidou (2008) e Greguol (2017), para os indivíduos com deficiência, o esporte adaptado pode ser uma importante forma de participação social, além de ser determinante para a saúde física, cognitiva e psicológica.

Considerando-se que a CIF identifica que a saúde e a participação dependem da interação entre diversos aspectos, incluindo os fatores ambientais, pode-se pensar que as práticas do esporte adaptado podem sofrer influências desses fatores e/ou influenciar a participação dos jovens com deficiência (Farias & Buchalla, 2005).

Quando percebidos como facilitadores e ocorrendo uma participação efetiva de jovens com deficiência, os fatores ambientais no contexto do esporte paralímpico podem trazer diversos benefícios que contribuirão positivamente na construção de identidade, na qualidade de vida, no desenvolvimento biopsicossocial, na imagem corporal e no processo de inclusão escolar (Santos, Moreira & Gomes, 2016; Blascovi-Assis, 2018)

Perante o exposto, este estudo tem como objetivo identificar se os fatores ambientais atuam como barreiras ou facilitadores ao esporte de competição do adolescente com deficiência. Tem-se como objetivo específico caracterizar os fatores pessoais de apoio, os aspectos socioeconômicos, o acesso às políticas públicas, os ambientes arquitetônicos e as TA utilizadas pelos adolescentes inseridos no esporte de competição.

Métodos

Tipo de estudo

Trata-se de um estudo exploratório descritivo, o qual procurou descrever as características da realidade estudada, sendo fundamental quando há pouco conhecimento em um determinado assunto a ser estudado (Aragão, 2013).

Optou-se pela abordagem quantitativa, em que se generaliza os resultados para a população-alvo, por meio de instrumentos estruturados.

Amostra

Optou-se pela amostra por conveniência composta por nove adolescentes, cinco do sexo masculino e quatro do sexo feminino. Desses, três praticavam natação, um tênis de cadeira de rodas, um bocha e quatro futebol de 7. Eram residentes das oito cidades do Distrito Federal: dois em Ceilândia, um em Águas Claras, um em Sobradinho, um no Gama, um em Brasilândia, um em Valparaíso, um na Cidade Ocidental e um em Planaltina.

Para a seleção amostral, foi feita a consulta ao cadastro de 126 adolescentes do CETEFE. Como critérios de inclusão, foram considerados os adolescentes entre 12 e 17 anos com deficiência física e/ou visual que competiam em jogos escolares e ter assiduidade nos treinos há mais de três meses. Foram excluídos os paratletas que deixaram de apresentar o TCLE assinado pelo responsável e o termo de assentimento assinado pelo jovem.

Os responsáveis pelos adolescentes puderam auxiliar os jovens nos questionários, quando esses tinham dúvidas ou desconhecimento sobre as informações solicitadas.

A pesquisa foi realizada no Centro de Treinamento de Educação Física Especial (CETEFE) de Brasília, no período de novembro a dezembro de 2018. O CETEFE é uma associação de assistência social, sem fim lucrativos, que presta serviços gratuitos para as pessoas com deficiência e seu núcleo familiar, instituições sociais, públicas e particulares, as quais são domiciliadas no Distrito Federal e na Região Integrada de Desenvolvimento do DF. Abrange programas sociais, incluindo atividade esportiva.

Instrumentos

Para a coleta de dados, foram utilizados os seguintes instrumentos:

- Critério Brasil: utilizado para classificar a condição econômica da família do adolescente. O instrumento caracteriza dados da população analisada quanto ao poder aquisitivo e o meio social em que vivem. É um questionário sociodemográfico, que enfatiza o poder de compra das pessoas e famílias urbanas, abandonando a pretensão de classificar a população em termos de "classes sociais". Traz a classificação de A1, A2, B1, B2, C1, C2, D e E, sendo esta última a mais baixa. As respostas foram auxiliadas pelo responsável, quando necessário (Abep, 2015).
- Questionário de caracterização do adolescente: criado pelos pesquisadores, esse instrumento teve como propósito identificar idade, modalidade esportiva praticada, conhecimento sobre os benefícios e acesso às políticas públicas. Este questionário foi respondido em parceria com o responsável pelo adolescente.
- Avaliação de Tecnologia Assistiva- Predisposição ao Dispositivo: foi aplicada a seção C do instrumento, que tem como intuito identificar fatores pessoais e de apoio social positivos e negativos. Os itens de 22 a 54, como: "eu tenho o apoio que eu quero da minha família", "eu tenho o apoio dos meus amigos", "eu desejo ir à escola ou trabalhar" e, "eu fico frequentemente com raiva", foram pontuados quando, segundo o participante, ocorrem frequentemente ou geralmente. Para a análise dessa sessão, é feita a somatória dos pontos considerados como positivos e negativos, segundo o instrumento (Alves, Matsukura & Scherer, 2017).

Avaliação Quebec User Evaluation of Satisfaction with Assistive Technology (QUEST B 2.0) 22: foi utilizada para investigar a satisfação do esportista em relação ao seu dispositivo de tecnologia assistiva e os serviços

que ele utiliza. Assim, chega-se ao escore final a partir da escala de 1-5, na qual 1 é insatisfeito, 2 pouco satisfeito, 3 mais ou menos satisfeito, 4 bastante satisfeito e 5 totalmente satisfeito. As respostas foram auxiliadas pelo responsável, quando necessário (Carvalho, Júnior & Bolívar, 2014).

Participante	Esporte praticado	Tipo de deficiência	Tecnologia Assitiva utilizada
P1	Tênis de cadeira de rodas	Lesão medular L2/LB (completa)	Cadeira de rodas / Faixa para os joelhos
P2	Natação	Deficiência congênita no braço direito	Adaptação nas regras
P3	Bocha	Paralisia Cerebral – diparesia	Cadeira de rodas e cinto torácico
P4	Natação	Deficiência congênita no fêmur	Adaptação nas regras
P5	Natação	Deficiência congênita na mão esquerda	Adaptação nas regras
P6	Futebol de 7	Paralisia cerebral – tetraparesia	Adaptação nas regras

Análise de Dados

Para a análise dos dados do questionário, foi feita a análise descritiva apresentada por frequência em números absolutos. Já os dados advindos dos questionários ABEP, ATD PA e Quest, foram analisados a partir dos escores e das classificações, fornecidos por cada instrumento, também apresentados por frequências e número absolutos.

Optou-se em apresentar os resultados dentro das categorias de Fatores Ambientais da CIF: 1) Apoio e relacionamentos, atitudes, 2) Serviços, sistemas e políticas e 3) Produtos, tecnologias e ambiente.

Este estudo é parte da pesquisa intitulada INVESTIGAÇÃO SOBRE O PARAESPORTE JUVENIL aprovado pelo comitê de Ética em Pesquisas com seres Humanos da Universidade de Brasília sob o parecer no. 2.986.928.

Resultados e discussão

A pesquisa demonstra como se comportam os fatores ambientais quando relacionados à prática desportiva, o que evidencia que esses fatores oscilam entre barreiras e facilitadores. Embora alguns fatores ambientais nesse estudo tenham sido vistos como facilitadores, é necessária uma atenção às barreiras identificadas.

Vale ressaltar também os desafios enfrentados na coleta com a população alvo deste estudo, que limitaram a coleta, como: as diferentes localizações e cidades dos treinos; a falta de assiduidade nos treinos, por motivos pessoais ou por competições fora do estado e; pelo esquecimento das assinaturas do TCLE no dia marcado pelos pesquisadores.

A tabela 1 abaixo apresenta o perfil dos paratletas deste estudo.

Tabela 1. Perfil dos Adolescentes Participantes, Brasília, 2019

P7	Futebol de 7	Paralisia cerebral – diparesia	Adaptação nas regras
P8	Futebol de 7	Paralisia cerebral – hemiparesia	Adaptação nas regras
P9	Futebol de 7	Paralisia cerebral – hemiparesia	Palmilha para sapato

Fonte: Desenvolvida pelo autor

Como mostrou a tabela 1, a modalidade esportiva futebol de 7 teve o maior número de participantes com quatro dos adolescentes, seguido de três da natação, 1 de bocha e 1 de tênis. Os resultados mostraram que a maior porcentagem dos adolescentes estava no início da adolescência com 13 anos de idade, variando até os 16 anos. Com relação ao sexo, 5 participantes são do sexo masculino, enquanto 4 são do sexo feminino, demonstrando um equilíbrio entre os sexos. Isso corrobora Sabato, Walch e Caine (2016), que relatam em seu estudo de revisão da literatura que a população que pratica esporte vem crescendo, principalmente em relação à adesão das meninas.

Em relação ao diagnóstico, cinco apresentaram Paralisia Cerebral, seguido por três com deficiências congênitas e um participante com lesão medular. Sabe-se que a PC tem prevalência, dentre as deficiências físicas, na faixa etária de 4-6 anos, seguido para acima de 8 anos, apresentando uma porcentagem de 32% de 4-6 e 27% acima de 8 anos (Toledo, Pereira, Vinhares, Lopes & Nogueira, 2015). Esse dado pode também explicar o fato de a modalidade praticada em sua maioria neste estudo ser o futebol de 7, esporte adaptado especificamente para essa população, muitas vezes até chamado de futebol para PC.

Com o uso do Critério Brasil, pode-se classificar a condição econômica das famílias dos adolescentes. Notou-se que, das classes econômicas identificadas no estudo, sete participantes tiveram a classificação B2, em que a renda familiar está estimada em média de 4 salários-mínimos. Os outros dois participantes foram classificados na classe C1, em que a renda familiar estimada é de 2 salários-mínimos.

Observou-se que a classe B2 (classe econômica moderada) é predominante, 75% dos participantes, e que o indivíduo da amostra que tem a classe mais alta é praticante da modalidade tênis. Essa modalidade, entre as outras da pesquisa, é a que traz maior demanda de equipamentos, como: cadeira esportiva personalizada e adaptada, raquetes modificadas e outros, a depender da demanda específica do usuário. Já todos os integrantes de futebol de 7 estão entre a classe B2 e C1, que é uma das modalidades que menos exige equipamentos externos para se manter praticante.

Isso está de acordo com o estudo de revisão a respeito de acessibilidade ao esporte, o qual questiona a inclusão efetiva e critica os direitos do cidadão de acesso ao esporte, lazer e cultura, referindo ser ainda para uma minoria privilegiada (Barrozo et al., 2018).

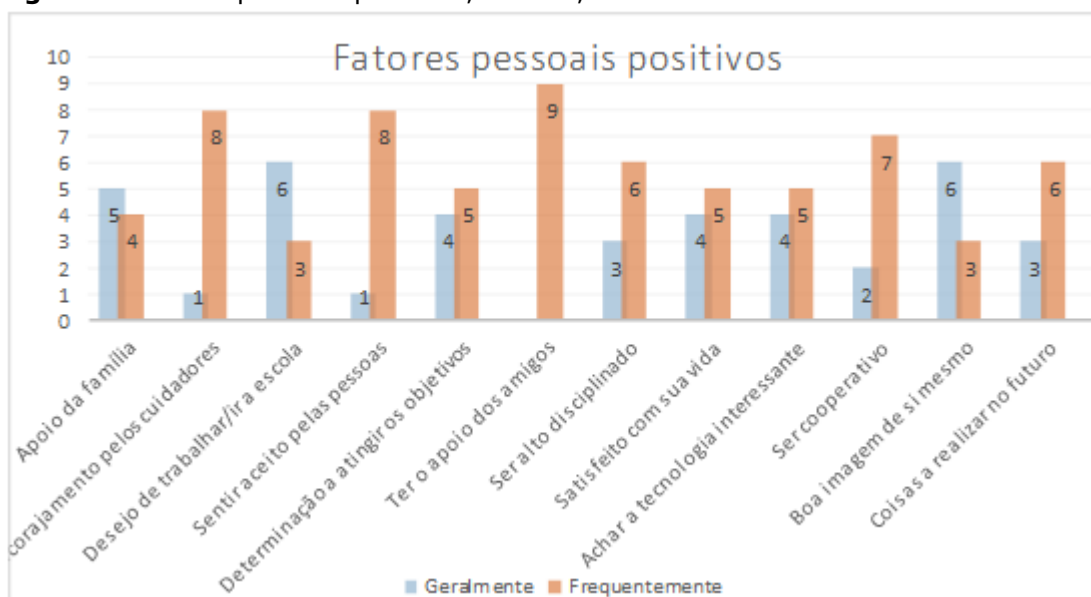
Abaixo serão apresentados os principais resultados, seguindo-se da sequência dos fatores ambientais descritos pela CIF: 1) Apoio,

relacionamentos e atitudes; 2) serviços, sistemas e políticas e; 3) produtos, tecnologias e ambiente.

1) Apoio, relacionamentos e atitudes

Abaixo estão representados a descrição dos jovens em relação a apoio familiar, encorajamento, desejos, aceitação, determinação, apoio dos amigos, disciplina, propósito de vida, cooperação, autoimagem e realizações futuras, correspondente a seção C do ATDPA Br.

Figura 1. Fatores pessoais positivos, Brasília, 2019

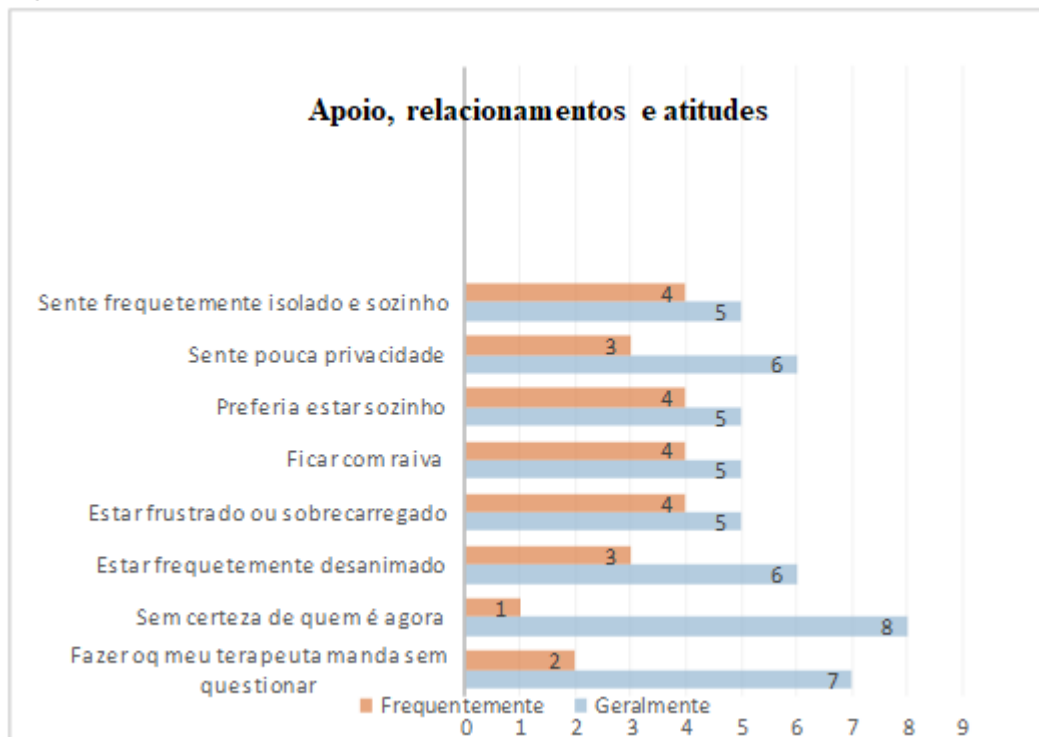


Fonte: Desenvolvida pelo autor.

Podemos observar na figura 1 que, no relato dos nove participantes, oito identificaram-se estar frequentemente aceitos. Seguindo, encontramos questões relacionadas ao encorajamento pelos cuidadores, à satisfação com a vida e metas que queiram realizar, citado como "frequentemente" por sete dos adolescentes.

Em seguida, na figura 2, estão representados os fatores negativos indicados pelos participantes, também relacionados à avaliação ATDPA. Relacionados a fatores negativos, podemos observar frequência alta em: "fazer o que o terapeuta diz sem questionar", "não ter certeza de quem sou agora" e "sentir pouca privacidade", com sete adolescentes respondendo "geralmente" e; "se sentir isolado e sozinho", com sete adolescentes respondendo frequentemente.

Figura 2. Apoio, relacionamentos e atitudes descritos pelos paratletas - Fatores negativos, Brasília, 2019



Fonte: Desenvolvida pelo autor.

2) Serviços, sistemas e políticas

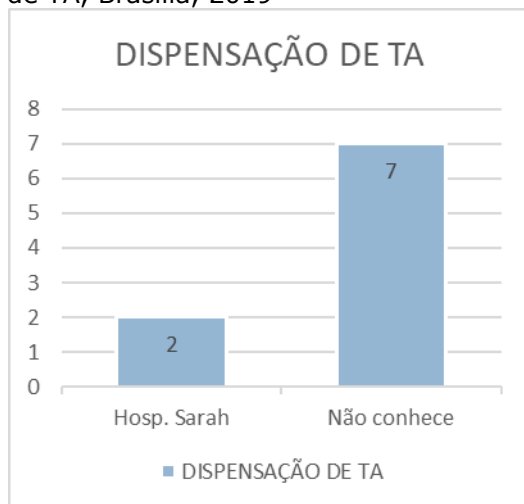
Verificou-se que seis dos participantes não conheciam e não usufruíam de nenhuma política pública voltada para o esporte ou para dispensação de TA. Entre as políticas públicas identificadas, estão: bolsa atleta (auxílio mensal), auxílios para deslocamento para competições, e outros provenientes da secretaria de esportes. Embora não se enquadrem em políticas públicas, um participante recebia patrocínio de empresas de cadeira de rodas.

Pode-se perceber que os paratletas que recebem auxílio financeiro, tanto de política pública quanto de patrocínio, participaram de mais competições e obtiveram colocações melhores.

Ao investigar as noções sobre políticas públicas, cinco dos participantes conhecem e já participaram do programa da Secretaria do Esporte (Compete Brasília), três que não conhecem nenhum programa e um que conhece e participa do Bolsa Atleta. A figura 3 demonstra o conhecimento sobre políticas de concessão de TA pelos participantes. Como foi observada uma quantidade significativa de participantes, que não tinha noção das políticas públicas, dos benefícios ou de fornecimento de equipamentos de TA. Uma pesquisa a esse respeito discutiu que a acessibilidade é um fator importante e que ultrapassa o elemento "barreiras arquitetônicas". O autor apontou o levantamento de três ações que contemplam o esporte paralímpico: a Lei nº 10.624/2001 (Lei Agnelo/Piva), Lei nº 10.891/2004 (bolsa atleta) e Lei nº 11.438/2006 (incentivo ao esporte). Essas contemplam crianças, adolescentes e jovens (Reis, 2014).

Dessa maneira, observa-se também uma possível falha de acessibilidade às informações, aos adolescentes e a seus familiares desta pesquisa.

Figura 3. Conhecimento e uso de Políticas públicas e/ou Programa de dispensação - de TA, Brasília, 2019



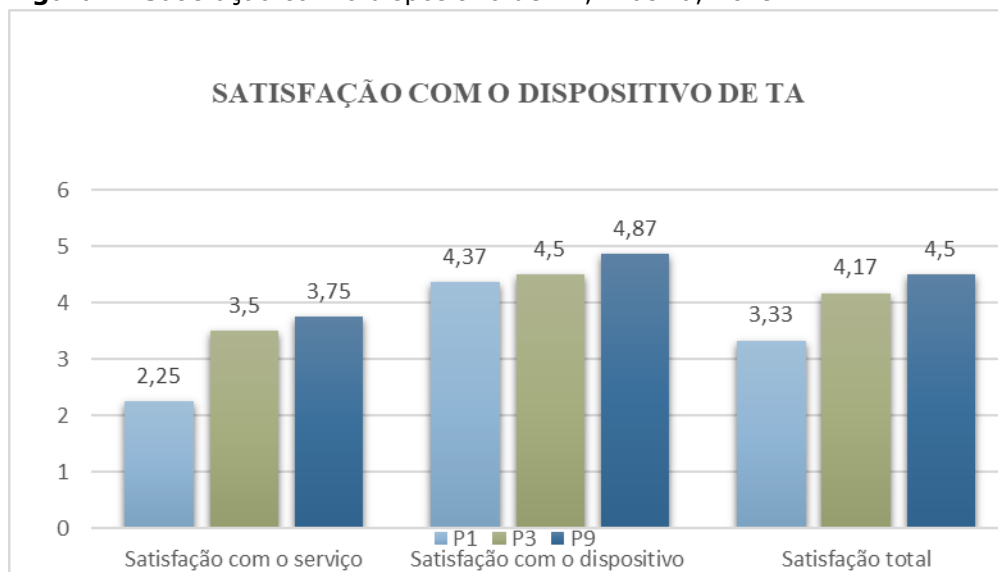
Fonte: Desenvolvida pelo autor.

Como se pode verificar, 78% apontaram não conhecer nenhum programa com vistas para a concessão de TA, e 22% que conhecem e participaram do programa do Hospital Sarah Kubitschek.

3) Produtos, tecnologias e ambiente

A respeito dos dispositivos de TA e sua utilização, quatro participantes faziam uso de equipamentos de TA, sendo que apenas três utilizavam para o esporte. Os equipamentos foram concedidos por patrocinadores, ou pelo programa do Hospital Sarah Kubitschek, ou ainda pelo próprio usuário junto à família que percebeu a necessidade e confeccionou o equipamento. Entre os que usavam equipamentos de TA, foram elencados, a partir da QUEST, os fatores que os adolescentes consideraram de maior importância: o grau de satisfação com o uso de suas TA e do serviço prestado, que podem ser visualizados na figura 4.

Figura 4. Satisfação com o dispositivo de TA, Brasília, 2019



Fonte: Desenvolvida pelo autor.

Notam-se escores de satisfação (acima de 2,5) com o dispositivo de TA para os três participantes e com o serviço de TA para dois participantes. Pode-se obter o escore total de satisfação, de pouco satisfeito, ou satisfeito com a TA pelos três paratletas. No conjunto dos três participantes que utilizavam dispositivo de TA, consideraram-se as facilidades e as dificuldades trazidas pelos dispositivos. Pode-se notar que três apontaram que a TA facilita a prática no esporte em relação ao conforto, e apenas dois que a TA dificulta no quesito medida e estética e um apontou que a TA não dificulta.

Isso corrobora pesquisas que apontam que aproximadamente 30% das pessoas abandonam suas tecnologias, antes de um ano de uso (Alves, Matsukura & Scherer, 2017). Isso se deve diretamente à satisfação de que o usuário tem em relação ao dispositivo e que depende da participação do indivíduo durante a seleção da tecnologia, da não adaptação do indivíduo ao dispositivo e da tecnologia inadequada. Nesta pesquisa, foi possível observar essa relação, quando apresentados os fatores considerados importantes para o uso de TA, como: o conforto, a facilidade de uso e reparo e a assistência técnica. Das dificuldades apontadas, também pode-se destacar o conforto, a estética e as medidas inapropriadas.

Assim, como mostraram alguns estudos realizados por terapeutas ocupacionais sobre a implementação de dispositivos de TA, os profissionais devem ser capacitados para a indicação de tais dispositivos, para avaliarem as atividades de cada usuário e de seu contexto, além das habilidades e capacidades com a TA. Esses pesquisadores apontaram que, se não houver correspondência entre a TA, o indivíduo, suas atividades e seu contexto, tanto o dispositivo quanto a atividade desempenhada, poderão atuar como barreira e serem abandonados. Para que isso não ocorra, sugere-se que a TA seja adequada ou adaptada às demandas individuais, para que favoreça maior desempenho e participação possíveis nas atividades, tendo-se a satisfação do indivíduo como norteadora nesse processo (Huri, 2017; Alves et al., 2017).

Espera-se que a partir da publicação da resolução nº 4958, a qual valida a prática da Terapia Ocupacional no desporto e paradesporto no Brasil, disponha também a maior atenção desses profissionais para a área, ampliando-se, assim, saberes que possam favorecer a participação social das pessoas com deficiência no esporte, tratada em seu âmbito pessoal, ambiental e social.

No que tange a acessibilidade, seis adolescentes utilizam carro para irem aos treinos, quatro responderam não ter dificuldade com transporte e sete não apresentaram dificuldades no trajeto ao treino. O metrô, por ser um meio de transporte público mais acessível para pessoas com deficiência, também é utilizado pelos usuários da instituição que apresentam maior independência nos treinos. Os ônibus foram o meio de transporte menos utilizado pelos participantes, pela falta de acessibilidade e dificuldade de acesso para pessoas com deficiência. No local dos treinos, que são realizados no CETEFE, oito dos adolescentes responderam não ter dificuldades e, sobre a necessidade de auxílio para colocar os acessórios para o esporte, seis dos participantes disseram necessitar.

Visto isso, vale citar a Lei de inclusão da pessoa com deficiência, que considera dever do poder público promover o transporte público adequado e com acessibilidade, para que essas pessoas possam exercer o direito de ir e vir (Farias & Buchala, 2005). Atualmente, os sistemas de metrô e ônibus deveriam estar adequados para a utilização de pessoas com deficiência, porém os transportes públicos acabam por ter pouca frota disponível e em grande parte depredada, causando uma superlotação, dificultando, assim, o acesso desses indivíduos. A partir disso, compreende-se que os atletas que têm melhores recursos financeiros preferiram utilizar o carro como meio de transporte, uma vez que apresenta maior conforto, comodidade e riscos diminuídos.

Considerações finais

Esta pesquisa pode confirmar que os fatores ambientais descritos pela CIF, como apoio e atitudes; acesso as políticas públicas e; satisfação com as tecnologias assistivas e serviços prestados, podem atuar como barreiras ou facilitadores nas atividades e participação da pessoa com deficiência.

Dessa forma, considera-se a necessidade de ampliação de pesquisas e práticas no paraesporte que estejam voltadas para os fatores ambientais, por profissionais que atuam na área e, principalmente, por terapeutas ocupacionais.

Também, o presente estudo pode mostrar que o esporte para a pessoa com deficiência deve ir além do objeto de reabilitação, interação ou causas de lesões, por isso o esporte deve também ser discutido como papel ocupacional e social na vida deles.

Além disso, este estudo pode contribuir para o conhecimento e compreensão dos fatores ambientais na prática do adolescente deficiente que pratica esporte de competição seguindo-se o referencial da CIF.

Esta pesquisa aponta para necessidade de ampliação da discussão do tema em âmbito nacional - área ainda pouco explorada e em construção científica. Novos estudos devem explorar a área do esporte para a pessoa com deficiência e, principalmente, os facilitadores e as e as barreiras encontradas para a iniciação e o ingresso dos jovens no esporte.

Referências

- ABEP - Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa. (2015). Disponível em: <http://www.abep.org/>.
- Alves, A. C. D. J., Matsukura, T. S., & Scherer, M. J. (2017). Cross-cultural adaptation of the assistive technology device-Predisposition assessment (ATD PA) for use in Brazil (ATD PA Br). *Disability and rehabilitation: assistive technology*, 12(2), 160-164.
- Aragão, J. (2013). Introdução aos estudos quantitativos utilizados em pesquisas científicas. *Revista práxis*, 3(6), 59-62.
- Arantes, A. A. C. (2019). Diferentes olhares sobre os Jogos Escolares Brasileiros: retrospectiva, perspectiva dos gestores, nível técnico e atletas olímpicos.
- Arantes, A., Martins, F., & Sarmiento, P. (2012). Jogos escolares brasileiros: reconstrução histórica. *Motricidade*, 8(Supl. 2), 916-924.
- Barrozo, A. F., Hara, A. C. P., Vianna, D. C., de Oliveira, J., Khoury, L. P., Silva, P. L. et al. (2018). Acessibilidade ao esporte, cultura e lazer para pessoas com deficiência. *Cadernos de pós-graduação em distúrbios do desenvolvimento*, 12(2).
- Carvalho, K. E. C. D., Júnior, G., Bolívar, M., & Sá, K. N. (2014). Translation and validation of the Quebec user evaluation of satisfaction with assistive technology (QUEST 2.0) into Portuguese. *Revista brasileira de reumatologia*, 54(4), 260-267.
- Coates, J., & Vickerman, P. B. (2016). Paralympic legacy: exploring the impact of the games on the perceptions of young people with disabilities. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 33(4), 338-357.
- Coffito. Resolução nº 495 de 18 de dezembro de 2017- Disciplina a Atuação Profissional da Terapia Ocupacional no Desporto e Paradesporto e dá outras providências. Julho, 2018;141-142.
- Côté-Leclerc, F., Duchesne, G. B., Bolduc, P., Gélinas-Lafrenière, A., Santerre, C., Desrosiers, J., & Levasseur, M. (2017). How does playing adapted sports affect quality of life of people with mobility limitations? Results from a mixed-method sequential explanatory study. *Health and quality of life outcomes*, 15(1), 1-8.
- Farias, N., & Buchalla, C. M. (2005) A classificação internacional de funcionalidade, incapacidade e saúde da organização mundial da saúde: conceitos, usos e perspectivas. *Revista Brasileira de epidemiologia*, 8(2),187-193.
- Galvão Filho, T. A. (2009). A Tecnologia Assistiva: de que se trata. In: Machado, G. J. C., & Sobral, M. N. (Orgs.). *Conexões: educação, comunicação, inclusão e interculturalidade*. (pp. 207-235). Porto Alegre: Redes Editora.

Greguol, M. (2017). Atividades físicas e esportivas e pessoas com deficiência. *Background paper. Brasília: PNUD*

Huri, M. (Ed.). (2017). *Occupational Therapy: Occupation Focused Holistic Practice in Rehabilitation*. BoD-Books on Demand.

Jaarsma, E. A., Dijkstra, P. U., Geertzen, J. H. B., & Dekker, R. (2014). Barriers to and facilitators of sports participation for people with physical disabilities: A systematic review. *Scandinavian journal of medicine & science in sports*, 24(6), 871-881.

Lago, T. M., & Amorim, A. (2008). O Basquete em cadeiras de Rodas com papel de inclusão e Integração dos Portadores de Deficiência. *Animador Sociocultural: Revista Iberoamericana*, 2(2), 1-10.

Lankhorst, K., Ende-Kastelij, K. V., Groot, J., Zwinkels, M., Verschuren, O., Backx, F, et al (2015). Health in Adapted Youth Sports Study (HAYS): health effects of sports participation in children and adolescents with a chronic disease or physical disability. *SpringerPlus*, 4(796), 1-10.

Machado, J. L. L. (2017). A educação física e os jogos escolares como meios de inclusão social da pessoa com deficiência.

Marques, M. P. (2017). Caracterização dos fatores ambientais no para esporte segundo o raciocínio clínico da CIF: a tecnologia assistiva, fatores pessoais, sociais e desempenho. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, Faculdade de Ceilândia, Brasília.

McKay, C., Block, M., & Park, J. Y. (2015). The impact of Paralympic School Day on student attitudes toward inclusion in physical education. *Adapted physical activity quarterly*, 32(4), 331-348.

Organização Mundial da Saúde Como usar a CIF: Um manual prático para o uso da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF). Versão preliminar para discussão. Outubro de 2013. Genebra: OMS

Panagiotou, A. K., Evaggelinou, C., Doulkeridou, A., Mouratidou, K., & Koidou, E. (2008). Attitudes Of 5 Th And 6 Th Grade Greek Students Toward The Inclusion Of Children With Disabilities In Physical Education Classes After A Paralympic Education Program. *European Journal of Adapted Physical Activity*, 1(2), 31-43.

Reis, N. S., Athayde, P. F. A., Nascimento, E. L., & Mascarenhas, F. (2015). Programa de formação esportiva na escola-Atleta na Escola: fundamentos lógicos e circunstâncias históricas. *Motrivivência*, 27(44), 190-206.

Reis, R. (2014). *Políticas públicas para o esporte paralímpico brasileiro*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade do Paraná, Curitiba.

Sabato, T. M., Watch, T. J., & Caine, D.J.(2016) O Atleta Jovem de Elite: Estratégias para Assegurar a Saúde Física e Emocional. *Journal of Sports Medicine*. 15(1), 99-113.

Santos, T. V. D., Moreira, M. C. N., & Gomes, R. (2016). Quando a participação de crianças e jovens com deficiência não se resume à atividade: um estudo bibliográfico. *Ciência & Saúde Coletiva*, 21(10), 3111-3120.

Silva, A. J., Duarte, E., & Almeida, J. J. G. (2011). Campeonato escolar e deficiência visual: o discurso dos professores de educação física. *Movimento*, 17(2), 37-55.

Soares, V. L., & Blascovi-Assis, S. M. (2018). A atividade esportiva e sua influência na imagem corporal do adolescente com deficiência física: um estudo de dois casos. *Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento*, 11(1), 78-88.

Toledo, C. A. W., Pereira, C. H. C. N., Vinhaes, M. M., Lopes, M. I. R., & Nogueira, M. A. R. J. (2015). Perfil epidemiológico de crianças diagnosticadas com paralisia cerebral atendidas no Centro de Reabilitação Lucy Montoro de São José dos Campos. *Acta Fisiátrica*. 22(3), 118-122.

Xafopoulos, G., Kudláček, M., & Evaggelinou, C. (2009). Effect of the intervention program "Paralympic School Day" on attitudes of children attending international school towards inclusion of students with disabilities. *Acta Universitatis Palackianae Olomucensis. Gymnica*, 39(4), 63-71.

Sobre o autor

Jonas Fernandes Carvalho

Programa de Pós-graduação em Ciência da Reabilitação da Universidade de Brasília – Faculdade de Ceilândia, Brasília, DF, Brasil.

Ana Cristina de Jesus Alves

Programa de Pós-graduação em Ciência da Reabilitação da Universidade de Brasília – Faculdade de Ceilândia, Brasília, DF, Brasil.

Contato

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Jonas Fernandes Carvalho

QNP 13, Conjunto I Casa 03, Ceilândia norte, Brasília – DF - Brasil - CEP 72241-309

E-MAIL

jonas.fcarvalho@hotmail.com

TELEFONE

(61) 991292525